



## O quadrinho alternativo brasileiro nas décadas de 1980 e 1990<sup>1</sup>

Roberto Elísio dos Santos<sup>2</sup>

Universidade IMES (São Caetano do Sul)

### Resumo

Tendo como inspiração o *comix underground* norte-americano, os quadrinhos alternativos brasileiros revelaram vários artistas de talento, muitos deles reconhecidos inclusive no exterior, e abordaram criticamente temas relevantes da realidade brasileira. O mercado editorial de Histórias em Quadrinhos no Brasil sempre esteve sujeito às intempéries políticas e econômicas, mas, ao longo das décadas de 1980 e 1990, com o processo de redemocratização e apesar da crise inflacionária, a produção alternativa de histórias em quadrinhos conquistou o público-leitor. Uma das editoras mais expressivas nesse contexto foi a Circo Editorial.

### Palavras-chave

Histórias em Quadrinhos; mercado editorial; quadrinho alternativo; cultura brasileira.

### Corpo do trabalho

#### Introdução

O papel desempenhado pela história em quadrinhos alternativa na sociedade brasileira, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, é o ponto central do trabalho de pós-doutorado realizada em 2004 na ECA-USP. Supervisionada pelo professor doutor Waldomiro Vergueiro, esta pesquisa exploratório-descritiva teve como objetivos sistematizar e analisar a produção de quadrinhos criados daquele momento histórico, especialmente as tiras e histórias publicadas pela Circo Editorial. Para tanto, foram feitas entrevistas não estruturadas com artistas e editores (Laerte, Luiz Ge e Toninho Mendes), procedeu-se a um levantamento documental e à análise de conteúdo do material coletado (tendo como modelo a semiologia desenvolvida por Roland Barthes).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Produção Editorial.

<sup>2</sup> Jornalista, com pós-doutorado em Comunicação pela ECA-USP, professor de graduação e mestrado da Universidade IMES (São Caetano do Sul), pesquisador sênior do Núcleo de Pesquisa de História em Quadrinhos da ECA-USP e autor dos livros Para reler os quadrinhos Disney, História em Quadrinhos Infantil: leitura para crianças e adultos, O Tico-Tico 100 anos: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil e As Teorias da Comunicação: da fala à Internet (roberto.elisio@imes.edu.br).



## **A contracultura e os quadrinhos norte-americanos**

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos viveram uma fase de crescimento econômico, superando a pobreza resultante da Depressão Econômica dos anos 1930, e tendo o consumismo como a tônica dominante em uma sociedade marcada pelo moralismo e pela segregação racial. O fim do conflito na Europa e no Pacífico elevou o país à condição de potência militar, baluarte dos princípios da democracia liberal e do capitalismo industrial. Essa liderança sofria oposição dos países socialistas, capitaneados pela União Soviética. A chamada “Guerra Fria” envolveu os dois blocos em uma disputa armamentista, estratégica e ideológica, fazendo crescer a paranóia da infiltração inimiga no próprio solo e da possibilidade do uso do arsenal nuclear.

Parte da geração que cresceu nesse período nos Estados Unidos rebelou-se contra as convenções e ao modo de vida pregado pelo *american way of life*, pautado pela competição e pelo consumo desenfreado de produtos industrializados, inclusive de bens culturais. Inicialmente, o movimento de rebeldia envolvia escritores e intelectuais da *beat generation*, mas, devido à Guerra do Vietnã e à repressão moral, logo se estendeu aos campi das universidades e a outros setores da sociedade (a defesa dos direitos civis mobilizou a comunidade negra e os movimentos feministas).

A cultura *underground* – não comercial, autoral, crítica e revolucionária – espalhou-se para outras áreas: no cinema (com produções anti-hollywoodianas feitas por artistas de vanguarda, como Derek Jarman e Andy Warhol), na moda (colares e roupas coloridas com estilo psicodélico) e na música (do *folk* de Bob Dylan ao rock de Jmi Hendrix e Janis Joplin, culminando com o festival de Woodstock). Nas histórias em quadrinhos, destacam-se Robert Crumb e Gilbert Shelton, quadrinhistas que incorporaram a seus trabalhos as idéias da contracultura. Com o sucesso da revista *Zap Comix*, lançada por Crumb em 1967, o mercado editorial de quadrinhos norte-americano abria-se para a produção alternativa.

## **História em Quadrinhos, ditadura e censura**

Embora não sofresse diretamente com o ambiente repressivo da ditadura militar instalada no país a partir de 1964, e recrudescida em 1968, a História em Quadrinhos brasileira foi influenciada pelas circunstâncias históricas: o humor gráfico, por exemplo,

passou a satirizar a política. Tendo de driblar a censura, principalmente após o Ato Institucional número 5, de dezembro de 1968, os artistas brasileiros procuraram veículos alternativos para editar seus protestos contra o autoritarismo do regime militar em forma de charges, caricaturas e quadrinhos.

Uma das publicações mais importantes foi o semanário *Pasquim*, que reuniu, além de jornalistas e intelectuais, desenhistas como Jaguar, Ziraldo e Henfil. Às vezes censurados e até detidos por causa da mordacidade de seus trabalhos, estes artistas conseguiram manter vivo o espírito crítico durante o período de exceção. Henfil concebeu diversos personagens (como os dois Fradinhos, Capitão Zeferino, a Graúna etc.) e conseguiu manter a revista *Fradim* circulando de 1971 a 1980.

Durante a década de 1980 surgiram novos quadrinhistas, como Fernando Gonsales – que elabora as histórias do rato *Níquel Náusea* –, e o cartunista Spacca. Ambos utilizam animais em seus quadrinhos. Já Miguel Paiva retrata as mulheres modernas, emancipadas e problemáticas, com seu personagem *Radical Chic*, e o homem descasado nas tiras do *Gatão de Meia Idade*, além das aventuras do detetive *noir* do terceiro mundo, *Ed Mort* (criação do humorista Luis Fernando Veríssimo).

Publicações alternativas de quadrinhos começaram a surgir, a exemplo de *Lôdo* e *Mijo* (elaboradas por Marcatti), *Porrada!*, *Animal*, *Mil Perigos*, *Abutre*, *Dun-Dun* (revista gaúcha que reuniu trabalhos de Adão Isturusgarai e Eloar Gauzzelli), entre outras, que editavam histórias do underground norte-americano (Crumb, Shelton, Jaime e Gilbert Hernandez), de artistas europeus (Abuli, Bernet, Tamburini e Liberatori) e de autores brasileiros (André Toral, Muttarelli, Líbero e Fábio Malavoglia). Além das revistas, esse momento também foi marcado pela disseminação dos fanzines – publicações feitas por fãs – com destaque para *Panacea*, que se tornou uma publicação mensal de vida curta.

O humor político, contudo, não desapareceu: está presente, por exemplo, nos trabalhos dos irmãos Paulo e Chico Caruso, que captaram com seus traços os casuísmos e as arbitrariedades cometidas pelos governantes. Mas, com a abertura política, no começo dos anos 1980, a sátira política deu lugar à crítica de social e de costumes. Vários quadrinhistas passaram a abordar temas do cotidiano e modismos da classe média ou abastada das metrópoles. Entre esses artistas destacam-se Angeli, Glauco e Laerte, cujos personagens foram publicados em tiras diárias em jornais, principalmente



na *Folha de S. Paulo*, e também nas revistas da Circo Editorial, como será visto a seguir.

### **A produção da Circo Editorial**

Se no período em que a ditadura militar recrudesciu, entre 1969 e 1979, foi, devido à censura, um grande entrave para a liberdade de expressão, ele foi também um momento rico para a produção humorística brasileira. De acordo com Henk Driessen (*apud* BREMMER, ROODENBURG, 2000: 253), ‘o humor político floresce quando há repressão política e dificuldades econômicas’. Na década de 1970, os jornais brasileiros alternativos ou nanicos, como eram então denominados, davam espaço a charges e caricaturas que expunham sua indignação contra os desmandos do regime autoritário.

A partir de 1979, quando teve início a abertura política, até o final de 1984, quando o ciclo militar foi encerrado, o humor político continuou presente, tanto nos jornais alternativos e da grande imprensa, como em revistas, a exemplo de *Careta*, que havia retornado às bancas. Mas o início da década de 1980 foi marcado por outras mudanças, principalmente no que tange ao comportamento e à cultura, especialmente em São Paulo, com o surgimento de uma produção cultural independente.

Embora a capital paulista fosse um pólo de cultura importante e efervescente, que recebia e produzia espetáculos, shows e mostras, uma parte da intelectualidade e dos artistas da época procurou caminhos novos e outros tipos de recursos, à margem do Estado ou dos promotores tradicionais. Um exemplo foi a produção cinematográfica paulista, que, sem as verbas da Embrafilme, empresa estatal que investia no cinema brasileiro, conseguiu se manter ativa. As pequenas produtoras foram responsáveis por filmes com temáticas e posturas estéticas diferentes de outras produções da época. Na música, o teatro *Lira Paulistana* foi o espaço de músicos e compositores novos, como Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção. Já os grupos *Língua de Trapo* e *Premeditando o Breque* associavam humor às letras urbanas e irreverentes de suas composições, que utilizavam ritmos diferentes. No teatro, o *Grupo Ornitórrinco* levava aos palcos peças irreverentes, como *Ubu-Rei*, de Alfred Jarry, e *Teledium*.

Foi nesse contexto que se deu a criação da Circo Editorial, casa publicadora que, durante mais de uma década, lançou diversas revistas de quadrinhos de humor, reunindo os talentos de artistas brasileiros. Seu idealizador foi Antonio de Souza Mendes Neto, mais conhecido como Toninho Mendes. Sua trajetória pessoal está intimamente ligada ao conteúdo veiculado pelas publicações da editora. Nascido em Itapeva, interior de São



Paulo, passou a infância, na década de 1960, no bairro paulistano da Casa Verde, onde conheceu a vida boêmia e se interessou por histórias em quadrinhos. Integrante da geração *hippie*, o futuro editor entrou em contato com publicações alternativas, como o jornal *Pasquim* e a revista *Grilo*. Profissionalmente, participou da imprensa independente (jornais *Ex*, *Movimento* e *Versus*), e interessou-se pela edição de quadrinhos, tendo editado o *Versus quadrinhos* e o *Livrão de quadrinhos*, concebidos por Marcos Faerman. Foi nesse momento que estreitou sua relação com Luiz Gê e Angeli e teve a idéia de fundar uma editora.

A data escolhida para a criação da Circo Editorial foi 26 de abril de 1984, dia em que o Congresso rejeitou a Emenda Dante de Oliveira, que estabelecia a eleição direta para presidente da República para o sucessor do general João Batista Figueiredo. A primeira publicação, o álbum no formato horizontal reunindo as tiras criadas por Angeli e publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, primeiro número da *Série Traço e Riso*.

Apesar de a eleição direta para presidente não ter sido aprovada, o ciclo de governos militares, que completara duas décadas, encontrava-se em seus estertores. Os rigores da censura haviam diminuído e a sociedade brasileira começava uma nova fase, marcada por instabilidades políticas e econômicas, mas com o regime democrático restaurado. Só nessas condições uma editora como a Circo seria concebível. O nascimento da Circo está diretamente relacionado ao movimento de abertura política. Os reflexos da situação política influenciaram a forma como os artistas passaram a utilizar o humor nas histórias em quadrinhos, que passaram a falar da sociedade e não dos gabinetes. Entre os principais quadrinhistas que publicaram seus trabalhos nas revistas editadas pela Circo Editorial destacam-se Angeli, Laerte, Luiz Gê e Glauco.

Paulistano, Arnaldo Ângeli conheceu Toninho Mendes na infância, quando ambos começaram a ler e gostar de histórias em quadrinhos. Autodidata, Angeli iniciou sua carreira artística em 1970, aos 14 anos, ao publicar um desenho na revista *Senhor*. Como Toninho, também foi influenciado pelas charges e artigos do jornal *Pasquim* e pelos quadrinhos da revista *Grilo*. Para o jornal *Folha de S. Paulo*, onde trabalha desde 1974, faz charges políticas e a tira *Chiclete com Banana*.

Apesar de ter entrado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1969, Laerte Coutinho não chegou a se formar; mas foi no ambiente universitário que ao lado do artista e Luiz Gê (na época, estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) criou uma publicação para expor seus trabalhos: a revista *Balão* (na verdade, um *fanzine*), cujo primeiro número foi lançado em novembro de

1972. Luiz Gê, além de publicar seus trabalhos na Circo Editorial, também foi editor da revista *Circo*, lançada em outubro de 1986. Ao lado de trabalhos realizados por artistas brasileiros, foram publicadas histórias de quadrinistas europeus como Moebius, Abuli e Bernet, Liberatore, Dionnet e Frank Margerin, entre outros, e norte-americanos como Robert Crumb, todos relacionados ou advindos da produção *underground*. A publicação teve apenas oito números (além da edição especial com os *Piratas do Tietê*, de Laerte), encerrando-se em 1988, após a partida de Luis Gê para a Inglaterra, onde foi estudar.

Outro nome importante para o surgimento da editora foi Chico Caruso. Em 1984, quando Toninho decidiu abrir a Circo Editorial e lançar os dois primeiros números da *Série Traço Riso* (os livros *Chiclete com Banana*, de Angeli, e *Não tenho palavras*, de Chico Caruso), foi o autor do segundo título que investiu o dinheiro necessário, possibilitando a edição de seu livro e o de Angeli. Como o volume de Chico Caruso deveria reunir charges políticas que apresentassem o resultado da campanha das Diretas-Já, a coletânea de Angeli acabou sendo lançada antes.

O sucesso da *Série Traço e Riso* levou Toninho Mendes a investir no lançamento da revista *Chiclete com Banana*, o título mais importante da editora, que chegou a vender mais de 80 mil exemplares, e que teve a maior duração, sendo publicado de novembro de 1985 a novembro de 1990, além de quatro edições especiais (*Bob Cuspe, Rê Bordosa – A morte da porraloca, Abaixo a direita!* e *Histórias de Amor*) e outros títulos derivados (*The Best of Chiclete com Banana – 10 anos, The Best of Chiclete – Série Tipinhos Inúteis, Chiclete Remix* e *Rê Bordosa – Memórias de uma Porraloca*). Apresentada em formato americano, com capa colorida e miolo com 48 páginas em preto e branco e periodicidade bimestral, a revista tornou-se o padrão para outras publicações da editora. O segundo lançamento neste formato foi a revista *Circo* e, na seqüência, o título *Geraldão*, do cartunista Glauco.

Seguindo o mesmo projeto, a revista *Piratas do Tietê*, que contava com histórias e tiras elaboradas por Laerte e também com a colaboração de outros artistas, além da publicação de autores estrangeiros, como Harvey Pekar e Robert Crumb. Lançada em maio de 1990, a publicação teve 14 números publicados até abril de 1992. Os primeiros seis números foram impressos em formato menor e na horizontal, o que impedia sua exposição nas bancas de jornal. A partir da edição 7, de dezembro de 1990, passou a seguir o formato da *Chiclete com Banana* e da *Circo*. Outra publicação de Laerte foi a revista *Striptiras* (uma referência ao termo que designa a tira de quadrinhos publicada nos Estados Unidos, *comic-strips*), que durou 15 números, de março de 1993 a



dezembro de 1994, e reunia diversos personagens de Laerte, como o *Zelador*, o *Síndico*, *Gato e Gata*, *Fagundes o Puxa-saco*, o *Grafiteiro*, além dos *Piratas do Tietê*.

Fernando Gonsales, que também é veterinário e biólogo, começou sua carreira artística vencendo um concurso promovido pelo jornal *Folha de S. Paulo* no início da década de 1980, com a tira *Níquel Náusea*, protagonizada por um rato de esgoto e povoada por bichos de todos os tipos. A revista *Níquel Náusea* foi lançada em 1986 pela editora Press, antes de ser editada pela Circo, em novembro de 1988, que a publicou até o número 10, em setembro de 1990.

As tiras de *Níquel Náusea* também foram reunidas no segundo número da *Coleção Circo*. Essa coleção teve apenas seis edições em formato horizontal, publicadas em 1991, e ofereceu aos leitores tiras e cartuns realizados por Laerte (*Fagundes o Puxa-saco*), Edgar Vasques (*Rango*), Maringoni (*Deus e o Diabo na Terra da Mídia*), Amorim e Dil Márcio. Outras publicações da Circo Editorial também tiveram vida efêmera. Uma delas foi a *Lúcifer*, que teve dois números, lançados, respectivamente, em novembro de 1994 e abril de 1995, e deveria ser um espaço para artistas novos e veteranos dos quadrinhos alternativos, como Lourenço Mutarelli, Osvaldo Pavanelli, André Toral, Mosquil, Maringoni, entre outros. Outra publicação de vida curta foi *Big Bang Bang*, que aglutinou trabalhos do artista gaúcho Adão Iturrusgarai: quatro edições lançadas de junho a dezembro de 1994.

Além de problemas de gestão administrativa, o término da Circo Editorial foi ocasionado pelas oscilações da economia brasileira nas décadas de 1980 e 1990. Diversos planos econômicos agravaram a escalada da inflação e dificultaram a produção editorial de quadrinhos. Quando a editora recebia o pagamento da distribuidora, dois meses depois da publicação de uma revista, não conseguia arcar com os custos de produção do próximo número, o que obrigou a Circo Editorial a fechar no final de 1995.

### **O quadrinho alternativo da Circo Editorial**

As principais influências no dos artistas das revistas editadas pela Circo foram o *comix underground* norte-americano, especialmente os quadrinhos de Robert Crumb e Gilbert Shelton, o quadrinho autoral europeu e o humor satírico e político do cartunista Henfil. No estilo gráfico (o uso de hachuras), nas histórias e nos personagens criados por Angeli são evidentes as contribuições da obra de Crumb. O guru *Rhalah Rikota*, por exemplo, guarda semelhanças com *Mr. Natural*, criação do artista norte-americano.

Refletindo a situação política e social da década de 1980, os quadrinhos de humor das revistas da Circo Editorial investiram suas críticas no modo de vida pequeno-burguês dos centros urbanos. As piadas põem em relevo as contradições, as idiossincrasias, a vaidade e a prepotência da classe média urbana. Ao contrário da teoria elaborada por Bergson (1993), o humor da Circo Editorial não visa o controle do comportamento para adequá-lo às normas sociais, mas denuncia as atitudes ridículas consideradas aceitáveis por uma sociedade que cultua a aparência, a hipocrisia e o consumismo alienado. Além disso, já não há preocupação em manter os “limites do humor” como pregavam Sócrates, Cícero e outros pensadores da Antiguidade Clássica: “A graça deve se manter dentro de determinados limites de respeitabilidade para ser socialmente aceitável” (GRAF, Fritz *apud* Bremmer e Roodenburg, 2000: 52-53). O ataque desferido pelos quadrinhos de humor da Circo Editorial aos valores e hábitos da classe média urbana não é sutil e emprega termos e imagens chulos, escatológicos, muitas vezes pornográficos e agressivos.

O humor das histórias em quadrinhos das revistas da Circo Editorial pode ser classificado a partir dos objetos que suscitam o riso, dos personagens e do ambiente em que a narrativa cômica acontece. Dessa maneira, pode-se formular uma **tipologia do humor dos quadrinhos da Circo Editorial** com as seguintes características: **Humor Urbano**, **Humor Político**, **Humor Erótico** e **Humor Comportamental**. Deve-se, contudo, ressaltar que, embora uma dessas características se sobressaia em determinada narrativa, outras podem se somar a ela (o Humor Erótico, por exemplo, pode estar presente em uma tira ou história em que prevalece o Humor Político).

Tendo como pano de fundo uma metrópole como São Paulo, o aspecto da urbanidade não se limita ao cenário em que se passam as histórias, mas permeia as relações estabelecidas entre diversos personagens e suas funções narrativas. Nesse sentido, Bob Cuspe, o *punk* criado por Angeli para a tira *Chiclete com Banana*, é representativo: sua revolta se manifesta contra o mundo urbano, caótico, repressivo e desumano. Morador dos esgotos da grande cidade, ele conhece as entranhas do sistema e, respirando seu ar poluído, faz reflexões sobre a vida no espaço urbano. Diante da imensidão opressora da cidade grande, percebe sua pequenez, sua insignificância. Apenas seu grito de revolta consegue abalar a rigidez do mundo urbano e das pessoas que nele habitam.

Também nas tiras e histórias elaboradas por Laerte, Luiz Gê e Glauco, o espaço urbano também se faz presente e de forma contundente. As histórias absurdas dos





Piratas do Tietê, por exemplo, tem como cenário a marginal onde os carros trafegam, tendo ao fundo o parque de diversões Playcenter, já incorporado à paisagem urbana de São Paulo. O contexto urbano ganha relevância nos trabalhos de Luiz Gê, que retrata a corrida pelas ruas atrás de um balão que perde altura ou as estátuas do Ibirapuera que ganham vida à noite.

Outros símbolos e tipos da modernidade urbana podem ser encontrados nas histórias e tiras de Laerte nas revistas *Piratas do Tietê* e *Striptiras*. Na série dedicada ao *Condomínio* (espaço típico dos centros urbanos), o edifício se transforma em um microcosmo do Brasil, onde se encontram personagens que sintetizam o país: o *Zelador* preguiçoso e submisso ao autoritário *Síndico*, o severo e conservador *Capitão Douglas* (militar aposentado, mas sempre alerta – uma alusão à ditadura militar que havia terminado há pouco), o mafioso *Don Luigi* e sua filha pervertida *Rosa*, o puxa-saco *Fagundes*, entre outros. As neuroses dos habitantes do prédio são um indício das relações conturbadas resultantes de uma sociedade subdesenvolvida que sofreu um processo de urbanização acelerado e desordenado, e na qual ainda imperam posturas marcadas pelo atraso e pelo totalitarismo.

Tipicamente urbanos também são os personagens concebidos por Glauco para suas tiras e histórias em quadrinhos: não haveria espaço melhor para o consumista *Geraldão* e para o moderno *Casal Neuras* e suas crises de ciúme do que uma metrópole, onde comportamento individualista é estimulado. Da mesma forma que os tipos criados por Angeli e Laerte, as criações de Glauco moram e são frutos da cidade grande.

Embora os quadrinhos de humor publicados nas revistas da Circo Editorial tenham como característica a sátira social e a crítica do comportamento da classe média urbana, não deixaram de lado a sátira política, uma vez que, apesar do término da ditadura militar, a atitude dos políticos e a situação econômica do país continuavam a fornecer material para contestação e reflexão. Na segunda metade da década de 1980, as tensões internacionais entre Estados Unidos e União Soviética, que colocavam o mundo frente a uma possível guerra nuclear, também foram abordadas comicadamente pelos quadrinhistas brasileiros. É o caso do psicótico *Rigapov* (de Angeli), síntese dos dois principais líderes mundiais da época, o presidente norte-americano Ronald Reagan e o primeiro-ministro soviético Yuri Andropov, polaridades da Guerra Fria. Sempre segurando um controle-remoto nas mãos, com o qual pode lançar mísseis e acabar com a vida na Terra, *Rigapov* irrita-se sem motivo e ameaça destruir o mundo, em um gesto de megalomania, só para mostrar seu poder.

Um personagem de maior destaque da tira e da revista *Chiclete com Banana*, de Angeli, foi *Meiaoito*, o militante de esquerda que ainda se apegava a seus ideais em um mundo em transformação. Imaturo, recorre à própria mãe ou ao Partido. Sexualmente reprimido, é rejeitado por *Rita Pop*, tiete de músicos. Quando se aproxima das mulheres no bar e começa a rememorar seus feitos revolucionários, as garotas saem correndo. Na concepção de Nadilson Manoel da Silva (2002: 96), o personagem é reprimido sexualmente: *Os quadrinhos de Meiaoito*, “apesar de serem predominantemente relacionados à política, possuem em suas entrelinhas uma temática sexual”.

*Meiaoito* encarna um discurso ultrapassado e saudosista que não mais encontra eco em uma sociedade que se democratiza. Nas primeiras tiras, contracenava com um gato falante, substituído por uma cópia menor do militante, o *Nanico*, que assume sua homossexualidade, para constrangimento do mentor. A velha esquerda, considerando *Meiaoito* como parâmetro, ainda não estava preparada para discutir e entender outras questões diferentes da miséria social. Segundo Silva (2002: 96), o reprimido *Meiaoito*

*canaliza suas energias para a esfera política, sua libido individual se volta para a coletividade. Seu objeto do desejo são os ideais revolucionários de seu partido. O sexo, nesse contexto, representa um discurso que remete ao individualismo, à personalidade da personagem, enquanto a política remete ao comunitário.*

Combatente das injustiças sociais, *Meiaoito*, contudo, é um revolucionário apenas no discurso, bradando palavras de ordem em bares, à espera de uma revolução que jamais acontecerá. Da mesma forma que os eternos hippies *Wood e Stock*, *Meiaoito*, como observa Silva (2002: 93), é um personagem fora do tempo. Em suas lembranças sempre confusas, faz questão de mostrar seu passado de opositor, que entra em choque com sua condição atual, perdido em um tempo de ilusões perdidas e de atitudes cínicas e céticas. Até sua barba, que ele se recusa a cortar, é uma recordação dos anos de repressão política.

A charge e a caricatura política continuaram a ser utilizadas em algumas publicações da Circo Editorial. Um exemplo é o álbum *Não tenho palavras*, de Chico Caruso, em que o humor gráfico do artista retrata o final da ditadura militar, no governo Figueiredo, e o início da Nova República, destacando políticos proeminentes e outras personalidades da época. Onze anos depois, no álbum *FHC Biografia não autorizada*, a última publicação da Circo Editorial, lançada em agosto de 1995, Angeli mostrou a trajetória dos governos Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso a partir da compilação das charges que publicou no jornal *Folha de S. Paulo*, na década de 1990.

Já o cartunista Glauco conseguiu unir o humor político ao de comportamento no título *Abobrinhas da Brasilônia*, também publicado em 1985.

O humor erótico presente nas histórias em quadrinhos das revistas e álbuns da Circo Editorial também transmitem uma crítica ao comportamento da classe média urbana, principalmente à hipocrisia, aos preconceitos e à repressão a que esta se submete para manter as aparências. Hiperbólicos, os personagens radicalizam suas emoções e atitudes. Este é o caso de *Bibelô*, o machista criado por Angeli. Considerado pelo autor como “uma espécie em extinção” ou “o último dos machos”, torna-se, como *Meiaoito*, um tipo deslocado no tempo: o machista cafajeste que usa bigodinho, costeleta, barba por fazer, óculos escuros, camisa aberta no peito e medalhão pendurado no pescoço. Ao contrário do militante político, atira-se para cima das mulheres, mas estas também fogem quando ele está por perto. Ele se torna inoportuno ao incomodar a moça sentada a seu lado no cinema e ao ler revista pornográfica em público.

Outros personagens masculinos concebidos por Angeli são *Walter Ego* e *Osgarmo*. O primeiro sintetiza o narcisismo predominante na década de 1980, corroborando a visão de Christopher Lasch (1986: 9-12), que afirma estar o ser humano “sitiado” em um tempo e em uma sociedade em que a vida se encontra em constante ameaça e que por isso encontra refúgio na atitude narcisista: “As fantásticas imagens da produção de massas que formam as nossas concepções do mundo, não somente encorajam uma contração defensiva do eu como colaboram para apagar as fronteiras entre o indivíduo e seu meio”.

Lasch ressalta, ainda, que “o eu mínimo ou narcisista é, antes de tudo, um eu inseguro de seus próprios, que ora almeja reconstruir o mundo à sua própria imagem, ora anseia fundir-se em seu ambiente numa extasiada união”. *Walter Ego* exacerba esta questão. Apaixonado por si mesmo, só se relaciona com outras pessoas, inclusive com as mulheres, para que elas confirmem o que ele acha de si próprio. Narcisista, passa horas fazendo pose diante do espelho. Sua imagem basta para alimentar seu ego. À noite, relê sua autobiografia. Só a visão da própria imagem alivia os percalços da vida. Seu espelho responde a suas perguntas, reforçando seu narcisismo.

*Osgarmo*, por sua vez, distingue-se dos personagens anteriores. Não é conquistador como *Bibelô*, nem narcisista como *Walter Ego*. É só chegar perto de uma mulher (e até mesmo a fotografia de uma mulher publicada em revista masculina) para sofrer ejaculação precoce e de grandes proporções. Este personagem reflete a relação

conflituosa do homem dos anos 1980 com o sexo oposto que se formou a partir das conquistas feministas.

Os tipos femininos retratados por Angeli representam a mulher da década de 1980, que conquistou a liberdade sexual e conseguiu espaço no mercado profissional e na sociedade, mas, por causa de suas atitudes, acaba afastando os homens. Nesse sentido, emblemática é *Rê Bordosa*, garota que passa a noite bebendo nos bares e, no dia seguinte, instalada em sua banheira, tenta recordar o que aconteceu. Eleita em 1984 a “*Pin-up* do Final do século” pela revista *Around*, a personagem idealizada por Angeli representa a desilusão sentida pela geração de mulheres que se emancipou da família e dos homens, mas não conseguiu estabilidade emocional. Ela representa a desilusão sentida pela geração de mulheres que se emancipou da família e dos homens, mas não conseguiu estabilidade emocional. De acordo com Nery (2006, p. 58):

*Rê Bordosa tem uma visão da sociedade de seu tempo como algo decadente e coloca suas atitudes em um universo muito restrito, não indicando comportamento semelhante a outras pessoas; não se reconhece como estereótipo forjado no interior da sociedade que nega. Ela mesma aborda questões fundamentais ao status quo – casamento, integração às normas – como positivo, mas não para ela.*

Além de beber, fumar e ter uma vida sexual desregrada, *Rê Bordosa* trata de temas como aborto e o uso de preservativos para prevenir AIDS. Em 1987, Angeli decidiu acabar com a personagem, casando-se com *Juvenal*, o garçom do bar onde costumava embriagar-se, mas acabou morrendo do tédio provocado pelo casamento. Outra personagem feminina criada por Angeli foi *Mara Tara*, a cientista reprimida que estuda o sexo das bactérias. Pudica, quando fica excitada torna-se uma mulher fatal, obcecada por sexo, que ataca os homens com roupa de sádica. Da mesma forma que as demais mulheres criadas por Angeli, quando a *Doutora Mara* transforma-se na dominadora *Mara Tara*, ela acaba por intimidar os homens, que fogem diante de sua volúpia e agressividade. Até mesmo *Bibelô* se acovarda quando confrontado com a postura ativa e selvagem de *Mara Tara*. Efeito semelhante nos homens tem *Dona Marta*, personagem de Glauco: é a secretária que assedia os *office-boys* e os chefes do escritório em que trabalha, mas sua atitude desinibida desconcerta e afugenta os personagens masculinos.

A relação entre casais também é explorada pelas histórias em quadrinhos da Circo Editorial. Angeli mostra, em tiras e histórias curtas, as relações desgastadas, os

relacionamentos baseados em interesse e a mesmice das convenções da vida pequeno-burguesa. De acordo com Silva (2002: 65-66), “as relações afetivas constituem o tema mais freqüente das tiras de Angeli. (...) Nessas tiras, o autor ressalta a intimidade, a vida provada do cotidiano dos casais”. As *Histórias de Amor* criadas por Angeli revelam que, por trás da fachada de normalidade da vida conjugal, escondem-se rancor, ódio, desdém, tédio e outros sentimentos negativos.

Glauco também pontua o relacionamento do moderno *Casal Neuras* com momentos de ciúme, traição e humilhação. Essas situações se repetem entre as quatro paredes do lar, na praia, no restaurante ou até na rua. O clima de disputa, muitas vezes de guerra declarada, caracteriza a vida desses personagens, sejam eles maduros ou jovens. De maneira análoga, os *Gatos*, de Laerte, apesar de serem animais, vivenciam as crises dos humanos.

Mas a relação monótona e conflituosa não é privilégio de casais heterossexuais. O humor crítico dos artistas é igualmente dirigido aos homossexuais. Embora sejam minoria nas *Histórias de Amor* de Angeli, os *gays* também se fazem presentes, e apresentam as mesmas insatisfações do relacionamento entre homens e mulheres. Outros personagens homossexuais ganharam espaço nos quadrinhos publicados pela Circo Editorial, a exemplo do já citado *Nanico*. Nas páginas da revista *Big Bang Bang*, o quadrinhista gaúcho Adão Iturrugarai publicou as histórias dos caubóis homossexuais *Rock & Hudson* (uma referência ao ator Rock Hudson, que morreu de AIDS, doença contraída devido a sua homossexualidade). De maneira diferente da imagem do caubói difundida pelo cinema norte-americano, os dois rapazes alegres freqüentam os *saloons* para paquerar os homens que vão lá beber e só saem em perseguição de bandidos e índios se eles forem bonitos.

No que se refere ao humor comportamental, os artistas da Circo Editorial procuravam expor o ridículo presente na vida das classes dominantes da sociedade, mas especialmente das camadas médias urbanas. Este é o caso do *New Imbeciw*, o jovem urbano que freqüenta os lugares badalados. Querendo ser diferente e se destacar da massa, veste roupa de estilo moderno, fala as mesmas gírias, cita títulos de filmes considerados *cult*, de cineastas do momento, de bandas que estão em alta, só para mostrar que está atualizado. Angeli também criou o *Psico-Burguês*, oriundo das camadas abastadas da sociedade, que se sente oprimido pelas tribos urbanas proletárias (*punks*, *skinheads*, metaleiros etc.). Revoltado, logo se torna um burguês gordo como seu pai e assume a gestão dos negócios da família.

Outro modismo satirizado nas revistas da Circo Editorial é a obsessão com o fisiculturismo, característica da década de 1980. Adão Iturrugarai publicou na revista *Big Bang Bang* tiras e histórias com a *Família Bíceps*, núcleo familiar composto por pai, mãe e um casal de filhos, todos musculosos. Acostumados com a própria força, os personagens não percebem quando ferem os outros ou causam estragos. Sua vida se resume aos exercícios e à exibição da força e dos músculos.

A vida familiar da classe média urbana, com seus hábitos e neuroses, é explorada comicadamente, e até mesmo os velhos *hippies Wood* e *Stock* enfrentam o conflito de gerações. *Overall*, o filho adolescente e skatista de *Wood* e da ex-hippie *Lade Jane*, discorda do modo de vida dos pais. *Stock*, por sua vez, não consegue entender sua namorada jovem, que não conhece os *Beatles*.

Sintonizados com seu tempo também estão os *Skrotinhos*, dois baixinhos idênticos e iconoclastas. Definidos por seu criador, Angeli, como a “versão *hardcore* dos *Sobrinhos do Capitão*”, esses personagens são a encarnação do niilismo e do ceticismo característicos das décadas de 1980 e 1990. Os *Skrotinhos* desconstroem, com suas tiradas sarcásticas, a pose dos intelectuais e artistas, os adeptos dos modismos, a arrogância dos machistas e as idéias feministas. Não poupam nem mesmo o garçom e, quando não têm outras vítimas por perto, zombam um do outro.

Por meio de seus personagens, Angeli desnuda as situações ridículas às quais o ser humano não consegue escapar, seja ele um pai de família de classe média ou um poeta idolatrado – o próprio artista é exposto nas tiras intituladas *Angeli em crise*. O autor desmascara, inclusive, sua própria geração, que não conseguiu fazer a revolução política ou a sexual, mantendo-se prisioneira do passado. Angeli, da mesma forma que os *Skrotinhos*, denuncia o ridículo da existência e ri da desgraça da humanidade.

O humor gráfico publicado nas revistas da Circo Editorial aponta para as contradições de seu tempo, momento rico no qual a liberdade democrática voltava a vigorar e, ao mesmo tempo, as utopias desabavam junto com o Muro de Berlim. Se as gerações das décadas de 1960 e 1970 foram impedidas ou incapazes de implantar seus ideais, tornando-se saudosistas e anacrônicas, a geração dos anos 1980, formada no silêncio e na sombra da ditadura, crescida sob a tutela da TV e da cultura de consumo, não formulou projetos.

Nesse sentido, Marcelo Coelho (*apud* BRYAN, 2004: 18) não considera que houve uma despolitização “pura e simples”, mas “uma abertura, também política, para questões que não constavam do programa da esquerda tradicional”. Para esse autor, a



ênfase na liberdade individual, na sexualidade, no prazer, “o surgimento de um espírito humorístico, desconchavado, celebratório, num ambiente ainda coberto de pessimismo e amargura, não são características tão ‘despolitizadas’ assim”. Assim, a contribuição dos quadrinhos alternativos da Circo Editorial foi no sentido de refletir o paradoxo de sua geração, do Brasil e do mundo.

### **Referências bibliográficas**

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2. ed. Lisboa, Guimarães Editores, 1993.

BREMMER, Jan, ROODENBURG, Herman. *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BRYAN, Guilherme. *Quem tem um sonho não dança: cultura jovem brasileira nos anos 80*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

NERY, João Elias. *Graúna e Rê Bordosa: o humor gráfico brasileiro de 1970 e 1980*. São Paulo: Terras do Sonhar/Edições Pulsar, 2006.

SILVA, Marcos A. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero; CNPq, 1990.

SILVA, Nadilson M. da. *Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos*. São Paulo: Annablume, 2002.